

**RESÍDUOS DE MEMÓRIA:
LEITURAS DE IDENTIDADE
EM LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE**

Patrícia Mariz da Cruz (UFRRJ)

patricia-mariz@hotmail.com

Maria Fernanda Garbero de Aragão (UFRRJ)

nandagarbero@gmail.com

1. Introdução

A memória está presente no cotidiano de todas as pessoas, em qualquer lugar do mundo. Apesar das distinções culturais, étnicas, econômicas e até mesmo emocionais, todos os sujeitos têm um local para guardar suas lembranças. Logo, ela é construída de acordo com as experiências boas e ruins que as pessoas passam ao longo de sua vida, definindo quem a pessoa é, ou seja, a identidade individual.

As lembranças passam a ter um valor maior quando a vida está correndo perigo ou até mesmo quando se sabe que a hora da morte está próxima. E é através desta segunda situação que Chico Buarque constrói o enredo de *Leite Derramado* (2009).

O livro apresenta como personagem principal Eulálio d'Assumpção, o narrador-personagem que conta a sua história de vida, de acordo com que sua memória lhe apresenta. Eulálio está num leito de morte e com o desenrolar da história, supõe-se que somente as enfermeiras e sua filha, Maria Eulália, são suas ouvintes.

Sua memória é o que pretendemos analisar como núcleo da obra. É através dos retalhos que o personagem mostra como sua vida foi, desde a infância, e no que ela culminou: sozinho e doente num hospital, que de acordo com as descrições confusas do personagem, parece ser da rede pública de saúde.

2. Delírios e memórias: um espaço comum para a narrativa de Eulálio

O protagonista da história de Chico Buarque percorre um caminho de lembranças, por muitas vezes confusas para o leitor, deixando dúvidas

se os fatos aconteceram realmente ou se são parte integrante dos delírios do homem idoso e doente que o personagem era.

Os delírios de Eulálio fazem com que ele volte ao passado e reveja a suposta construção de sua identidade. Ao pensarmos na perspectiva de delírio, não se sabe ao certo se as situações realmente aconteceram ou se foi um produto de sua imaginação. Porém, o que se pode concluir é que o autor da obra tenta dialogar com leitor, pois faz este refletir como a vida muda desde o momento do nascimento até a morte. Essa reflexão realiza-se por meio das conquistas, desencontros, decepções, perdas e surpresas que acontecem na vida do personagem principal, capazes de desencadear os tecidos da memória. São eles que determinam o que será selecionado e fará parte da história de cada pessoa. Tzvetan Todorov em *Los Abusos de la Memoria* (2000) propõe que: “a memória, como tal, é forçosamente uma seleção: alguns aspectos de sucesso serão conservados, outros imediata ou progressivamente marginalizados, e logo esquecidos” (p. 16)¹. Assim, o lugar remanescente é um fragmento selecionado de uma situação vivida pelo sujeito e a escolha de tal fragmento é feita também pela pessoa.

Como a memória é uma seleção, foi preciso escolher entre todas as informações recebidas, em nome de certos critérios; e esses critérios, tenham sido ou não conscientes, serviram também, com toda probabilidade, para orientar a utilização que faremos do passado (p. 17)².

Logo, percebe-se que a escolha feita por Eulálio, e que também pode ser aplicada a qualquer pessoa, atende às necessidades emocionais, uma vez que, sua mente escolhe quais fatos quer relembrar, selecionando o que for melhor para ele reviver e recriando outras situações que lhe causaram dor e sofrimento. Eulálio somente revive o que lhe foi bom, alegre e recria, o que lhe parece ruim, dando um novo aspecto para que os momentos ruins não fossem externados.

Porém, nem sempre a memória pode atender de maneira simples a tais necessidades. Ela não deixa de ser uma criação do próprio sujeito,

¹Texto original: “la memoria, como tal, es forzosamente una selección: algunos rasgos del suceso serán conservados, otros imediata o progresivamente marginados, y luego olvidados”. A tradução dos textos é de nossa autoria.

²Texto original: “Como la memoria es una selección, ha sido preciso escoger entre todas las informaciones recibidas, en nombre de ciertos criterios; y esos criterios, hayan sido o no conscientes, servirán también, con toda probabilidade, para orientar la utilización que haremos del pasado” (p. 17).

que narra, rememora, fazendo com que haja um refúgio de lembranças dolorosas, já em processo de conservação como propõe Todorov.

O refúgio procurado pelo sujeito faz com que ele se sinta seguro, e acreditar no que sua mente se propõe a imaginar –de um modo mais agradável para ele- e a imaginação torna-se matéria fundamental de sua memória também. Eulálio exemplifica muito bem isso quando as suas lembranças voltam-se para a sua mulher Matilde. Ele acredita que ela foi embora com seu amigo médico Dubosc, e que pode se arrepender do que foi feito, voltando para ele. Eulálio se vê em situações, em que ele mesmo briga com seu amigo pelo amor de Matilde. Somente com o aproximar de sua morte, nos seus últimos dias, um fato novo surge e parece ser a verdade: sua mulher está morta e seu desaparecimento foi em virtude de Matilde ter ido para um manicômio se tratar, pois ela acreditava que estava fora de seu juízo. Com isso, Eulálio demonstra que tentou mascarar uma verdade dolorosa para ele e acreditou na memória de sua imaginação, que criou outra verdade para substituir a verdade que lhe causava sofrimento.

A partir desse exemplo, pode-se verificar que o sujeito, além de selecionar quais lembranças podem fazer parte da sua memória, também supre outras, que lhe causam dor, podendo inclusive criar outras lembranças para substituir aquelas que são importantes, entretanto, dolorosas.

Em *Los Abusos de la Memoria*, Todorov pensa a memória como um conjunto de sensações e sentimentos individuais. Até mesmo para se criar outra lembrança é preciso “a vontade, o consentimento, o raciocínio, a reação, a liberdade” (p. 23)¹. Percebe-se então que a memória não trata somente de uma lembrança, e sim, envolve diversos fatores e características que vão auxiliar a constituir a identidade do sujeito, uma vez que nela está contida a sua vontade, humor, criatividade e finalidade.

A construção da identidade, pode ser lida, nesta perspectiva, como a matéria prima da memória que se revela ao leitor em *Leite Derramado* porque Eulálio estava em um lugar comum a outras pessoas enfermas, num hospital público, em que seu nome e sobrenome não representavam nada. Naquele lugar, ele era somente mais um doente em fase terminal e é dentro desse ambiente que ele tenta (re)afirmar a sua identidade de acordo com a lembranças de sua vida.

¹Texto original: “la voluntad, el consentimiento, el razonamiento, la reacción, la libertad” (p. 23).

Com efeito, as lembranças vão surgindo em fragmentos que podem surgir claros ou confusos, repetidos ou em novos fatos, sugerindo que houve um esquecimento de determinadas situações e que com o desenrolar da história, acabam trazendo outras circunstâncias, tidas como uma novidade, mas que na realidade fazem parte da seleção desempenhada por Eulálio. Logo, conclui-se que a seleção também pode ser considerada como um momento, uma vez que, em alguns, ele selecionou determinadas situações, em detrimento de outras, e que, por razões que não podemos reconhecer, pois isso faz parte do jogo da narrativa, as memórias que não foram selecionadas passaram a ser, pois ele sentiu a necessidade de que elas fossem externadas. E com a proximidade de sua morte, os fragmentos se conectam, tornando-se aparentemente lineares e dando forma ao que, também aparentemente, foi a vida do personagem.

O ambiente hospitalar faz com que surja a necessidade de se impor como um ser particular, individual perante a sociedade. No caso do personagem, a sua narração mostra que essa imposição é um lugar assumido perante a sua vida, uma vez que ele demonstra ter sido complacente, paciente, sem atitude nas situações e contextos que a vida lhe colocou. Agora, com o fim de seus dias, Eulálio sente a necessidade de mostrar a todos o que ele foi e o que ele sentiu.

A narração foi o modo encontrado por ele para representar quem era. A equipe médica, sobretudo, as enfermeiras, eram quem lhe servia como ouvinte, e por mais que a plateia não se mostrasse interessada em ouvi-lo:

E além do mais, ela falava por metáforas, porque naquele tempo qualquer enfermeirinha tinha rudimentos de francês. Mas hoje a moça não está para conversas, voltou amuada, vai me aplicar a injeção. O sonífero não tem mais efeito imediato, e já sei que o caminho do sono é como um corredor cheio de pensamentos. (BUARQUE, 2009, p. 8)

Também acho uma delícia quando você esquece os olhos em cima dos meus, para pensar no galã da novela, nas mensagens do celular, na menstruação atrasada. Você me olha assim como eu na fazenda olhava um sapo, horas e horas estático, fito a fito no sapo velho, para poder variar com os pensamentos. (BUARQUE, 2009, p. 19)

A narrativa de Eulálio é confusa, pois há elementos novos a cada nova reelaboração discursiva. Entretanto, há algumas situações e características que se mostram repetitivas, e pode-se concluir que essas realmente aconteceram, uma vez que não há desordem nelas, é sempre a mesma circunstância e apenas alguns detalhes são incluídos, mas sem alterarem o que foi contado anteriormente.

Eu já a tinha visto de relance umas vezes, na saída da missa das onze, ali mesmo na igreja da Candelária. Na verdade nunca a pude observar direito, porque a menina não parava quieta, falava, rodava e se perdia entre as amigas, balançando os negros cabelos cacheados (...). Mas agora, no momento em que o órgão dava a introdução para o ofertório, bati sem querer os olhos nela, desviei, voltei a mirá-lo e não a pude mais largar. (BUARQUE, 2009, p. 20-21)

Não sei se já lhe contei como conheci Matilde na missa de sétimo dia de meu pai, quando ela falou Eulálio, de tal jeito, que nem mesmo as atrizes sensuais conseguiram reproduzir na minha cama. (BUARQUE, 2009, p. 96)

Em ambos os trechos, nota-se que ele inclui elementos novos no segundo trecho, enquanto o primeiro é mais descritivo, porém, o que se repete é o fato de Eulálio ter conhecido sua mulher, Matilde, na igreja. O delírio do personagem pode ter feito ele se confundir em alguns detalhes e situações, que não podem ser reconhecidos pelo leitor, entretanto, pode-se dizer que há momentos de sua vida que realmente aconteceram, porque se repetem a cada nova narrativa.

O personagem também conta suas histórias como um modo de terapia. Eulálio externa sua dor, para se aliviar, uma vez que ele demonstra ser uma pessoa extremamente introspectiva, e nos momentos que antecedem a sua morte, ele necessita falar sobre sua vida, mesmo delirando. O delírio é também uma forma de recriar o vivido, pois, ele cria situações de acordo com a sua necessidade, mesmo que esta seja momentânea. Ao narrar sua história, mesmo que ela não seja integralmente verdadeira faz com que o personagem se sinta aliviado ao falar de sua dor, de sua vida, tirando o fardo de uma vida inteira.

Todas as suas ações, emoções, dúvidas e acontecimentos fizeram parte da construção identitária de Eulálio. E o luto da morte faz com que haja a necessidade de provar para o mundo e para si próprio o que ele fez e como fez da sua vida. As invenções derivadas de seus delírios também demonstram um pouco da construção do personagem, pois são elas que ditam o desenrolar da história, e as criações acontecem nos momentos decisivos da narrativa, como por exemplo, a morte de sua mulher, que foi mascarada por um abandono, que de fato aconteceu, mas ao se realizar no presente da memória, Eulálio ainda tinha esperança de um arrependimento que consequentemente, faria com que ela voltasse para a sua vida. Porém, com a morte, não há nenhum chance de volta para o personagem principal.

Assim, pode-se observar que a narrativa do protagonista regressa ao passado, em uma tentativa de reviver as lembranças que moldaram a vida de Eulálio. As memórias do personagem constituem uma espécie de

“colcha de retalhos”, uma vez que são externadas em formas de fragmentos, através de delírios, que não esclarecem ao leitor se foram realmente vividas ou se são produtos de sua imaginação.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. Companhia das Letras, 2009

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Tradução de Miguel Salazar. Buenos Aires: Paidós, 2000.